



Comandos em ação

Lastreada em pesquisas antropológicas e sociológicas, fornada de livros sobre PCC tenta traçar contornos de um poder consolidado

Paula Miraglia

“A maior revolta prisional da história do Brasil.” Assim ficou conhecida a Megarrebelião de 18 de fevereiro de 2001, quando 29 unidades prisionais, em dezenove cidades paulistas, passaram para o controle dos detentos. Ficou claro que, ao invés do que se acreditava, as facções criminosas estavam, sim, presentes no estado de São Paulo e tinham grande poder de articulação dentro e fora dos presídios. Aquela era a primeira aparição pública do Primeiro Comando da Capital e tinha como objetivo responder à decisão do governo estadual de transferir e isolar seus líderes.

Cinco anos depois, entre 12 e 15 de maio de 2006, São Paulo viveu dias de pânico provocado por ataques do PCC, mais uma vez motivados pela tentativa de isolamento das lideranças. A sequência de eventos se tornou um marco na escalada da violência urbana. Mais de oitenta unidades prisionais paulistas viveram rebeliões simultâneas. Fora delas, forças de segurança sofriram ataques de proporções inéditas. Ônibus foram depredados e queimados em várias áreas da cidade.

Os ataques resultaram na morte de policiais militares e civis, guardas municipais e agentes penitenciários, detentos e civis. Provocaram, ainda, uma violenta ofensiva por parte da PM, nas periferias, para localizar integrantes da facção e envolvidos com os ataques. Essas regiões se converteram em campos de perseguição e batalha, submetendo a população local.

Uma semana depois, as represálias somavam 109 mortes, de acordo com a imprensa. As vítimas foram classificadas pela polícia como “suspeitos”, mas até hoje não há laudos conclusivos a respeito. Não se sabe se algum dos mortos pela polícia tinha vínculos com a facção criminosa, se as vítimas efetivamente reagiram à abordagem policial ou se houve confronto.

Nos anos seguintes, as ações do PCC prosseguiram e extrapolaram as fronteiras paulistas. “A maior e mais mortal sequência de assassinatos em massa da história do sistema carcerário do Brasil e do mundo” – assim foi descrita a rebelião de outubro de 2016, na penitenciária de Monte Cristo, em Roraima. A rebelião produziu imagens que

sintetizam o terror nos presídios superlotados. Fotos de detentos decapitados circularam por WhatsApp. Desta vez, no entanto, a explicação era outra: uma disputa entre grupos rivais.

As rebeliões são marcos públicos na trajetória do PCC, que desde a sua fundação, há cerca de 25 anos, vem crescendo, diversificando negócios, tornando-se mais complexo e poderoso. A organização conta hoje com quase 30 mil membros em todo o Brasil, dentro e fora dos presídios. Dados do Ministério Público apontam que 2 milhões de homens, mulheres e adolescentes sejam ligados de diferentes formas à organização. Seus negócios estão em ao menos quatro continentes.

O lançamento concomitante de três livros sobre a facção é, por si só, um sinal dessa importância. A guerra, do jornalista Bruno Paes Manso e da socióloga Camila Nunes Dias, Irmãos, do antropólogo Gabriel Feltran, e Proibido roubar na quebrada, da antropóloga Karina Biondi, são fruto de mais de uma década de pesquisas etnográficas dedicadas a entender um fenômeno que desafia as leis, a ação do Estado, as políticas de segurança e qualquer tentativa apressada ou superficial de interpretação.

Determinar a natureza e o funcionamento do grupo são preocupações centrais nos três livros. Paes Manso e Nunes Dias reconhecem, por exemplo, que diferentes perspectivas podem retratar diferentes organizações. A depender de quem observe, o PCC pode lembrar uma empresa, uma igreja, uma irmandade. Feltran também vê essa complexidade e aponta a dificuldade que os agentes estatais têm em lidar com o modelo não convencional da organização. Para ele a melhor metáfora para descrevê-la é a de uma maçonaria do crime. Provocativa, Biondi afirma que a interpretação que o senso comum e a mídia fazem do PCC só ajudam no seu *modus operandi*.

Há certo consenso, entre os autores, quanto à expansão do grupo, entendida como efeito colateral das políticas de segurança pública. Vivemos, há mais de uma década, um agravamento da situação (mais de 60 mil assassinatos anuais, com baixíssimo índice de esclarecimento), e a violência e a segurança pública se converteram em temas que organizam a sociedade.

Encarceramento

A única resposta foi o encarceramento, adotado como principal estratégia da política de segurança. Com mais de 720 mil pessoas presas, o país tem a terceira maior população carcerária do mundo. Como aprendemos nos diferentes relatos nos livros, não se trata apenas de ineficiência, mas de um Estado ativamente implicado numa dinâmica que alimenta o esquema montado pelo crime. O PCC é produto (mas hoje também se aproveita) de um contexto que combina áreas urbanas caracterizadas pela extrema vulnerabilidade com uma política que tem como carro-chefe a repressão.

As pesquisas deixam claro como o encarceramento é o mecanismo de recrutamento de jovens pobres e desamparados, que não necessariamente fariam carreira no crime, mas passam, de modo quase automático, integrar a organização no momento em que são

admitidos no sistema prisional. Essa é uma das principais marcas e estratégias do PCC. Nas palavras de Feltran, “instrumentalizar a ação estatal repressiva a seu favor”.

Categorias nativas como “salve” (bilhetes com ordens, divulgados por WhatsApp), “batismos” (ritual que marca a entrada na facção), “ideias”, “debates”, dão acesso a uma ética de conduta específica, que organiza as ações e cria padrões de comportamento dentro e fora dos presídios.

Ao lado de um léxico próprio, esses dispositivos permitem que sua lógica de funcionamento seja compartilhada, entendida e aceita como regra. É a capilaridade dessa lógica que faz com que a hierarquia tradicional não seja a chave de interpretação para o PCC.

=====

Bruno Paes Manso e Camila Nunes Dias.

A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil.

Todavia • 344 pp • R\$ 54,90

=====

Gabriel Feltran.

Irmãos: uma história do PCC.

Companhia das Letras • 320 pp • R\$ 49,90

=====

Karina Biondi.

Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC.

Terceiro Nome • 418 pp • R\$ 58

Edição 15

Destaques

No lugar errado

Marcela Turati

A prática do pozole –
dissolver corpos em ácido –
se dissemina pelo México e é
usada como pretexto pelo
governo para encerrar casos
sem solução

Arte

O nascimento da Fridolatria

Valeria Luiselli

Para autora mexicana, a
transformação de Frida Kahlo
em ícone pop foi feita a partir
de clichês e exotismos
artificiais

Comandos em ação

Paula Miraglia

Lastreada em pesquisas
antropológicas e sociológicas,
fornada de livros sobre PCC
tenta traçar contornos de um
poder consolidado

Literatura

Labirintos de papel e tinta

Alberto Manguel

Ensaio de Jorge Carrión sobre
história cultural das livrarias
sublinha sua importância
como local propício a
descobertas

Literatura

A comédia humana de Machado de Assis

Benjamin Moser

Por ocasião de lançamento de
contos completos nos Estados
Unidos, ensaísta percorre vida
e obra de um autor genial

Direito
**Os dilemas de
um
colaborador**

Pierpaolo Bottini

Socióloga italiana publica
livro de entrevistas com
chefão da Cosa Nostra e expõe
as complexidades do jogo da
delação premiada

Jornalismo

A radicalidade como centro – e como técnica

Eugênio Bucci

As implicações políticas,
jornalísticas e intelectuais do
Manual da Redação da Folha
de S.Paulo, totalmente
reformulado

Literatura

Uma Atenas tropical

Otavio Frias Filho

Otto Lara Resende, cronista
do apogeu da cultura
brasileira, escreveu perfis de
artistas e escritores que
ganham reedição depois de

ganham leitura depois de
mais de 20 anos

História
Enciclopédia
de todas as
Rússias

Otávio Frias Filho

De Púchkin a Nabokov, de
Tchaikovski a Stravinski,
historiador inglês compõe
ambicioso mosaico de uma das
mais fecundas e contraditórias
culturas do mundo

Literatura
Mil faces

Otávio Frias Filho

Na autobiografia *Os fatos e em romances como Operação Shylock e Complô contra a América*, escritor eliminou as fronteiras entre memória e ficção

O tempo é uma flecha

Eduardo Muylaert

A movimentada trajetória do advogado Marcello Cerqueira, ex-dirigente estudantil que teve importante atuação contra a ditadura

Literatura

A confissão do fantasma

Eduardo Sterzi

Ao narrar com coragem e afeto as suas lembranças de um pai dominador e racista, autora expõe a perversa violência colonial

Régua e compasso

Ilona Szabó de Carvalho

Com rigor, pluralismo e lastro
em evidências, livro propõe
políticas públicas para 12 áreas

Portnoy sem complexo

Conversa sobre sexo, morte e
psicanálise encerra
minimaratona Philip Roth na
Flip

A política da vida

Em segundo dia de minimaratona sobre Philip Roth, mesa debate os aspectos políticos e históricos do autor

Os fatos

Bate-papo sobre a fase madura de Philip Roth e adaptações da sua obra ao cinema marcou o primeiro dia de minimaratona sobre o escritor durante a Flip 2018

Economia

A loucura como sistema

Bianca Tavolari

O impulso infinito para levar a
acumulação do capital além de
qualquer limite levou ao
endividamento em massa e a
cidades vazias

não se exportam

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Ganhador do Nobel que deu
respaldo a políticas de Reagan
cria teoria engenhosa sobre
desenvolvimento, mas
negligencia seus aspectos
culturais

Uma existência civilizatória

Walter Salles

Fotobiografia de Fernanda
Montenegro reúne galeria
extraordinária de
personagens vividos pela atriz

Economia

Uma travessia em compasso de 3 por 4

Monica Baumgarten de Bolle

Reflexão sobre os últimos 20
anos da economia brasileira
mostra que certas avaliações

de campos ideológicos opostos
são convergentes

Literatura
Crime
universal

Bia Abramo

A linguagem global da
misogonia é o tema central da
obra da argentina Selva
Almada, que tira do
anonimato três casos de
feminicídio

Esporte

Sacana e humano

Sérgio Xavier Filho

Livro-reportagem conta a história do empresário J. Hawilla, peça-chave do Fifagate

Até que enfim

Mariana Enríquez

Sob a pressão de marchas de mulheres e de uma expressiva mobilização de escritoras, a Argentina debate a legalização do aborto

Esporte

Porque Copa é Copa

Elena Landau

Precariedade do futebol no
Brasil afasta jogadores e
torcedores, cada vez mais
voltados para a Europa, mas a
paixão pela Seleção é eterna

Marcha sem volta

Adilson Moreira

Sai no Brasil primeiro volume
de graphic novel sobre a luta
pelos direitos civis nos
Estados Unidos

Direito

Em causa própria

Marcos Lisboa & Laura Diniz

Com boa pesquisa, história da advocacia tropeça ao creditar aos advogados os frutos de conflitos sociais e processos históricos

Direito

Caderno implacável

Rafael Mafei Rabelo Queiroz

Os setenta anos de um clássico sobre política brasileira, de autoria de um ex-ministro do Supremo

Literatura

Escarcéu jurídico

Ricardo Lísias

Processado por Eduardo
Cunha por romance satírico
sobre o impeachment, escritor
narra detalhes do embate
judicial

Economia

Aos dados, cidadãos!

Ricardo Abramovay

Nova regulamentação
europeia para conter
hegemonia dos gigantes da
internet demonstra a relação
direta entre privacidade e
democracia

Direito

Supremo: o estado da arte

**Rogério Arantes e Diego
Werneck Arguelles**

Pesquisas mapeiam as forças e as fraquezas do STF, do individualismo dos ministros à busca por transparência

Esporte

A maratona mais vendida

mais rennua

Fernanda Ezabella

Boston narra as epopeias de
pessoas comuns que se
tornaram fãs desse esporte,
mas traz também recordistas e
heróis

Enorme e delicado

Cactano Veloso

A prosa de Zé Almino não é
magra como a de Graciliano,
mas elegante e equilibrada;
sabe espelhar o gordo e o
guenzo sem entregar-se a eles

O STF diante do espelho

Conrado Hübner Mendes

Livro põe em debate as ideias
de Barroso sobre a
legitimidade do Supremo, que
carece de urgente reforma
para recobrar status moral

**Direito
Literatura**

Autor acusado de plagiar Borges é absolvido na Argentina

Damián Tabarovsky

“El aleph engordado”,
experimento vanguardista que
acrescenta palavras a conto
clássico, rendeu a Pablo
Katchadjian seis anos de
processo movido pela viúva e
herdeira testamentária de
Borges, María Kodama

Pode o subalterno lutar?

Ruy Braga

Livro de Jessé Souza sobre a elite do atraso falha ao desprezar a capacidade de mobilização política das massas populares

Distopia na universidade

Lilia M. Schwarcz

Operação policial para conduzir coercitivamente professores da UFMG ligados à Comissão da Verdade em Minas Gerais é sinal de que vivemos de fato em um estado de exceção

Livros em Revista

No calor da hora

Debate sobre livros mais (ou menos) “palatáveis” ao mercado pautou terceira mesa do seminário Livros em Revista

Livros em Revista
**Espelho,
espelho seu:
quem sou eu?**

Alteridade e questões de raça e gênero pautaram segunda mesa do seminário “Livros em Revista”

Livros em Revista

Publicações literárias: a dor e a delícia

Editores ressaltam
obstinação, teimosia, paixões
e dilemas para manter o
jornalismo literário em
efervescência no país

Livros em Revista

O Rascunho de um homem só

Sediada no Paraná, publicação
chega à maioria apostando
em discussões acaloradas
sobre literatura

**Quatro cinco um
a revista dos livros**

Associação Quatro Cinco Um | CNPJ 27.507.766.0001-13 | IE 141.996.430.117 | IM
56997515

Largo do Arouche, 161, SL2, República - São Paulo/SP CEP 01219 011 | + 55 11 3221 6735

© Todos os direitos reservados. | www.arevistadoslivros.com.br

